

MATERNIDADE E DEVOÇÃO NO ROMANCE *EM TEU VENTRE*, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Letícia Simões Velloso Schuler¹

Resumo: Esta proposta de trabalho se dispõe a traçar um diálogo entre a maternidade e a sua carga sagrada dentro do cristianismo, a partir da devoção religiosa que o mistério da figura materna associa ao plano espiritual do que está para além da criação e da morte, no acalanto que o colo maternal representa. A temática da maternidade permeia uma das obras literárias de José Luís Peixoto, *Em teu ventre* (2017), ao apresentar uma releitura narrativa das aparições de Nossa Senhora, na cidade de Fátima, na Portugal do início do século XX, às três crianças pastoras, episódios marcantes para os fiéis da religião cristã católica. O enredo se constitui por alternância de vozes narrativas que, em geral, trazem representações da mãe, enquanto figura que se demonstra como a detentora da proteção junto aos filhos, como a redentora da paz de espírito, e como ícone de vida e amor, caracterizações fundamentais para a sacralidade do que a maternidade evoca no catolicismo. A religião, nessa esteira, constitui-se como pilar essencial para nossa sociedade, pois reúne a identificação com o outro, o apoio diante do sofrimento e, ao lidar com a espiritualidade, termina por se inscrever também no campo da literatura, das artes, da cultura e da memória coletiva. De forma a embasar nossa discussão, utilizaremos como aporte teórico os contrapontos da psicanálise desenvolvidos por Freud (1927) e Nunes (2000), que se debruçam sobre o tema da religiosidade.

Palavras-chaves: Maternidade; psicanálise; religião.

Abstract: This paper intends to trace a dialogue between the maternity and its sacred load within Christianity, based on the religious devotion that the mystery of the maternal figure associates to the spiritual plane of what is beyond creation and death, in the calming that the maternal lap represents. The theme of maternity permeates one of José Luís Peixoto's literary works, *Em teu ventre* (2017), when presenting a narrative rereading of the apparitions of Our Lady, in the city of Fátima, in Portugal at the beginning of the 20th century, to the three shepherd children, remarkable episodes for the faithful of the Catholic Christian religion. The plot is constituted by alternating narrative voices that, in general, bring representations of the mother, as a figure who demonstrates herself as the holder of protection with her children, as the redeemer of peace of mind, and as an icon of life and love, characterizations fundamental to the sacredness of what motherhood evokes in Catholicism. Religion, in this wake, constitutes an essential pillar for our society, as it gathers identification with the other, support in the face of suffering and, in dealing with spirituality, ends up also enrolling in the branch of literature, of arts, of culture and collective memory. To base our

¹ Graduanda em Letras – Português, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); E-mail: leticiaschuler6@gmail.com

discussion, psychoanalytical theory counterpoints will be used from Freud (1927) and Nunes (2000), which are focused on the themes of religiosity.

Keywords: Maternity; psychoanalysis; religion.

INTRODUÇÃO

É preciso reconhecer que a literatura se consolidou enquanto um campo plural que permitiu, ao longo dos séculos, a difusão de diversas temáticas, sejam elas sociais ou culturais. São temas que ampliam nossa visão de mundo, possibilitando, muitas vezes, a formação de sujeitos mais críticos, criativos e humanos, como defende Candido (2011).

Os textos literários, a partir da maneira pela qual direcionamos nosso olhar para eles, podem nos levar a diferentes caminhos e algumas teorias nos auxiliam durante esse processo, e, cabe a nós, leitores, escolhermos aquela que melhor irá nos guiar. Sigmund Freud, no alvorecer do século XX, voltou seus estudos para a descoberta do inconsciente, a partir daí, desenvolveu teorias que iriam nos ajudar a compreender o sujeito e perceber sua subjetividade.

Assim, é pensando nessa interface entre literatura e psicanálise que trazemos a contribuição de Bellemim-Nöel (1978), que nos é bastante significativa, já que, temos por finalidade, “descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura.” (p. 13). Entendemos que a teoria psicanalítica, em particular aquela consagrada pelo mestre vienense, é um dos elementos fundamentais que podem nos auxiliar durante o processo de decifração do texto literário.

A literatura reverbera situações e emoções particulares em direção ao mundo externo e nos faz perceber as relações que os indivíduos estabelecem com a sociedade e com os aspectos que ela envolve, sendo essas questões algo que perpassou as extensas pesquisas desenvolvidas por Freud.

De modo a traçar um diálogo entre tais reflexões e elucidar alguns aspectos, a obra selecionada tem como título *Em teu ventre* (2017). O romance, do escritor português, José Luís Peixoto, tem como premissa principal a recriação de um marcante fato histórico, as aparições de Nossa Senhora de Fátima para as três crianças pastoras, no interior de Portugal, na cidade de Fátima. A narrativa é construída entre os meses de maio e outubro de 1917.

Uma alternância de vozes fornece ao romance uma estética única, ao longo das páginas, notamos um narrador em terceira pessoa, que nos apresenta a vida das crianças e do vilarejo, há ainda a voz de Nossa Senhora e de Maria, a mãe de uma das crianças, Lúcia. Em outros momentos, uma outra voz ganha espaço. Sob a estética de pequenas estrofes, cada uma dividida em versículos, tal como no texto bíblico, somos levados a crer na possibilidade de que esses trechos são narrados por Jesus Cristo, de modo tal que ele direciona seu discurso a sua mãe, Maria.

É uma obra carregada de aforismos, poeticidade, memórias, reflexões, religiosidade e espiritualidade, que tem, no prisma do catolicismo, a base para o desenrolar de todas as ações. Lúcia, Francisco e Jacinta são o trio para o qual todos os olhares estão voltados, são crianças que emanam ingenuidade, esperança, fé e que ainda fortalecem as crenças dos outros moradores da aldeia.

O diálogo entre o humano e o divino são postos em cena e reascende a chama da fé cristã que habita em muitos dos moradores do interior de Portugal. Um verdadeiro milagre é narrado e, os momentos em que Lúcia ouve a voz de Nossa Senhora, a transforma em aquela que irá possibilitar o alívio das tantas dores e aflições que assolam as vidas dos fiéis.

Dessa forma, nosso trabalho será dividido em dois momentos: primeiramente, iremos nos deter sobre a teoria psicanalítica, a fim de compreendermos de que maneira a religião é apreendida e vislumbrada pelo arcabouço teórico selecionado. Além disso, a maternidade e sua carga sagrada também irá compor a discussão de modo a melhor articular com o nosso corpus. Posteriormente, o texto literário será nosso principal instrumento e as vozes das personagens que se intercalam, serão nosso guia para entendermos as reverberações das reflexões anteriormente traçadas em suas vivências.

1 BREVES REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A RELIGIÃO, A MATERNIDADE E SUA CARGA SAGRADA

Paralelamente aos estudos do inconsciente, Sigmund Freud elaborou importantes contribuições teóricas sobre o social, ampliando seu entendimento tanto em relação a maneira de se pensar e refletir acerca da cultura, quanto de compreender o mal-estar e os sintomas que estariam presentes nesse coletivo. Assim, tais

investigações psicanalíticas não estariam restritas àquilo que entendemos por patológico, mas, elas se estenderiam à arte, à filosofia e à religião, sendo esta última, o foco de nossa discussão.

Ao longo das construções das sociedades, o meio pelo qual grande parte dos seres humanos encontrou, para as explicações e soluções para suas indagações e incertezas, foi o sagrado. Em nossa sociedade, a religião se estabelece enquanto um importante componente que a estrutura e a edifica, de modo que ela é um dos elementos necessários para entendermos questões que abrangem a vida, a morte e o ser humano.

Para aquilo que não os sujeitos não possuem entendimento concreto, a busca por um refúgio, uma identificação, um sentido, uma explicação ou uma convicção, tornou-se uma constante para aqueles que a seguem ou acreditam em alguma doutrina religiosa ou, como Freud nos resume, em uma ilusão. Dessa forma, ao nos encontrarmos diante dos enigmas que constantemente nos circundam, a religião, esse importante pilar que sustenta nossa cultura, nos tranquiliza e protege. E lembramos que “a principal tarefa da cultura, sua autêntica razão de ser, é nos defender contra a natureza.” (FREUD, [1927] 2014, p. 246).

Assim, de maneira geral, considerando os elementos que exercem sua interferência externa sobre nós, é possível concluirmos que a própria existência dos indivíduos é algo que não é possível suportar, já que, em certa medida, algumas privações, vindas da cultura, são constantemente impostas pela cultura na qual somos integrantes, o que colabora para que um sofrimento e uma angústia sejam instaurados e um desamparo, sentimento que habita o sujeito desde sua infância, pode ser observado. Ainda que este fator não seja protagonista em nossa proposta de trabalho, consideramos válido expor a forma que o teórico resume essa questão:

Quando o indivíduo em crescimento percebe que está destinado a permanecer uma criança, que nunca pode prescindir da proteção contra superiores poderes desconhecidos, empresta a esses poderes os traços da figura paterna, cria os deuses que passa a temer, que procura cativar e aos quais, no entanto, confia sua proteção. Dessa maneira, o motivo do anseio pelo pai equivale à necessidade de proteção contra os efeitos da impotência humana; a defesa contra o desamparo infantil empresta à reação ao desamparo que o adulto tem de reconhecer – que é justamente a formação da religião – seus traços característicos. (FREUD [1927] 2014, p. 258).

Como consequência dessas situações, observamos um anseio pelo pai e pelos deuses, cuja tarefa converge para a realização de três funções, a de “afastar os

terrores da natureza, conciliar os homens com a crueldade do destino, [...] e compensá-los pelos sofrimentos e privações que lhes são impostos pela vida civilizada que partilham.” (FREUD, [1927] 2014, p. 250). Mas, essa primeira função atribuída foi de maneira gradativa sendo desvinculada desses seres, visto que, foram os próprios quem dispuseram a natureza tal como ela se apresenta para os sujeitos e, quando os chamados milagres acontecem, é que eles interferem. A segunda função, no que concerne ao destino, o fracasso dos deuses ocorre devido ao fato de que estes não podem ser remediados.

É sobre a terceira função, ou seja, no que tange a esfera moral, que o verdadeiro domínio dos deuses pode ser contemplado e a noção de proteção se torna protagonista nessa relação do divino com o humano:

Passa a ser tarefa divina compensar os defeitos e prejuízos da civilização, atentar para os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros na vida em comum, zelar pelo cumprimento dos preceitos culturais a que os homens obedecem tão mal. As próprias normas culturais são tidas como de origem divina, são elevadas acima da sociedade humana, estendidas para a natureza e o universo. (FREUD, [1927] 2014, p. 250-251).

Para que uma religião se consolide, uma série de concepções são elaboradas e compartilhada com aqueles que nela acreditam que a vida deve ser encarada não simplesmente como algo que se restrinja ao mundo terreno, mas que deve ter sua função atribuída a um propósito que ultrapassa nossa realidade. Há uma busca pelo aperfeiçoamento da natureza humana, por isso que, quando nos referirmos às doutrinas religiosas é interessante lembrarmos que é com o lado espiritual do indivíduo, com a sua alma, que estamos lidando.

Somos guiados por uma inteligência superior, que nos direciona sempre para o bem e para aquilo que nos contenta, ainda que exerça sua função de uma maneira, por vezes, severa. Suas ideias devem ser seguidas para que não sejamos aniquilados pelas poderosas e implacáveis forças da natureza, e possamos construir nosso caminho rumo a um desenvolvimento que ultrapassa o plano terreno. Além disso, os ideais de que o bem encontrará sua recompensa e de que o mal seu castigo, ainda que em existências posteriores, são propagados. Por isso, a ideia de vida após a morte também se faz presente, para que tudo se concretize.

Sabedoria, bondade e justiça são os infinitos atributos que os venerados seres divinos carregam consigo. É importante destacar que Freud, ao elaborar tais críticas, se baseia na forma que nossa cultura de hoje assumiu, a branca e cristã, mas não

podemos esquecer que ao longo da evolução das culturas, outras concepções religiosas foram adotadas e contempladas. Assim, em seu sentido mais amplo, os ideais religiosos são tidos como:

o mais preciosos patrimônio da cultura, a coisa mais valiosa que ela tem a oferecer a seus participantes, são bem mais apreciadas que todas as artes para extrair da Terra seus tesouros, para prover a humanidade de alimentos, prevenir suas doenças etc. As pessoas acreditam não poder suportar a vida, se não derem a tais concepções o valor que é reivindicado para elas. (FREUD, [1927] 2014, p. 253).

Freud conclui que assim como as demais conquistas adquiridas pela civilização ao longo dos anos, as concepções religiosas também seguem esse caminho, rumo a uma proteção contra o poder da natureza, como mencionamos anteriormente. De certa forma, houve a união de um segundo motivo durante esse processo, o da busca pela correção das imperfeições culturais, sentidas em sua magnitude pelos indivíduos.

Em meio a tantas incertezas, dúvidas e perigos, é natural que o ser humano trilhe um caminho rumo a personificação de tudo aquilo que ele busca compreender e assimilar. Ao projetar para o mundo seu ser ou algo que seja semelhante a ele mesmo, um método de compreensão é estabelecido e satisfações podem ser atendidas. Feito isso, o indivíduo poderá controlar tudo o que agora compreende, Freud ([1927] 2014) assinala que seria um domínio psíquico como preparação para o físico.

O pai da psicanálise continua suas reflexões de modo tal que busca compreender o significado psicológico das ideias religiosas, ou seja, de que maneira elas são estruturadas ao ponto de unir tantos indivíduos em torno de um mesmo ideal, de uma mesma crença. Primeiramente, é interessante considerarmos que as doutrinas religiosas são ensinamentos que, em sua maioria revelam algo que ainda é um enigma, sobre o qual ainda não temos respostas e, por isso, exigem que depositemos sobre elas uma crença. Assim, diante do fato de que nos ensinam e informam acerca de aspectos que nos são altamente importantes e relevantes, são valorizadas.

Se formos investigar o cerne de tais ensinamentos, percebemos que eles se baseiam na observação e na inferência, pois, é a partir desse processo que suas pretensões serão fundamentadas e a crença poderá acontecer. As elaborações precisam ser bastante convincentes para atingirem seu objetivo de maneira satisfatória. E, se nos questionarmos o motivo pelo qual dificilmente esses ideais são

reivindicados, perceberemos que além de convencer, eles carregam consigo algo mais histórico, pois,

são digno de fé porque nossos ancestrais já acreditavam neles; em segundo lugar, possuímos provas que nos foram transmitidas dessa mesma época pré-histórica; por último, é simplesmente proibido questionar essa comprovação. Antes esse atrevimento era punido com as mais severas penas, e ainda hoje a sociedade não gosta de vê-lo renovado. (FREUD, [1927] 2014, p. 261).

É um componente cultural que já fincou suas raízes em nossas sociedades, seus ideais já foram totalmente aceitos por grande parte daqueles que a compõem, o que favorece uma forte propagação ao longo das gerações e um raro questionamento em torno daquilo que é ensinado. Muitos indivíduos já encaram as doutrinas religiosas como uma verdade irrefutável. Dessa forma, existe uma grande dificuldade em refutar ou reivindicar as doutrinas religiosas, mas, mesmo diante desse cenário, ressalvas precisam ser feitas em torno delas.

A base para as elaborações são os textos, as escrituras sagradas e, nos detendo nesse compilado, é nítido o caráter duvidoso que ele carrega. A contradição, o retoque evidente, a falsificação e, ao relatar comprovações, a falta de comprovações ocorre, são características que possibilitam um questionamento em torno dessas convicções tão plenamente aceitas pela maioria dos indivíduos. Assim, esses tão aclamados ideais, carregados de significados e capazes de nos esclarecer os grandes enigmas e nos reconciliar com os inevitáveis sofrimentos da vida, possuem frágeis comprovações.

Nesse cenário, algumas tentativas foram elaboradas para que essa constatação não se tornasse um grande problema. A primeira delas se baseia na afirmação de que “as doutrinas religiosas se subtraem às exigências da razão, que estão acima da razão. Deve-se sentir interiormente a sua verdade, não é necessário compreendê-las.” (FREUD, [1927] 2014, p. 264). A segunda tentativa, por sua vez, afirma que “em nossa atividade de pensamento há bastantes suposições cuja falta de fundamento, e até mesmo absurdo, nós perceberemos inteiramente. [...] por diversos termos práticos temos de nos comportar ‘como se’ acreditássemos nelas.” (FREUD, [1927] 2014, p. 264).

No início de “O futuro de uma ilusão”, Freud afirma que as ideias religiosas são ilusões, mas, para que tal crítica seja recebida em seu sentido proposto, é preciso delimitar o sentido do conceito atribuído. A ilusão deriva de desejos humanos, o que

a aproxima do delírio psiquiátrico, destacando o aspecto que este se relaciona com a contradição com a realidade. Assim, é uma crença que em uma ilusão em que se prevalece a realização de um desejo, “e nisso não consideramos seus laços com a realidade, assim como a própria ilusão dispensa comprovação.” (FREUD, [1927] 2014, p. 268). Esperamos algo por meio da intuição e da introspecção, indicações de difíceis interpretações que nos esclareçam algo que não está muito claro em nossa vida psíquica.

Ainda que o objetivo central dessa contribuição teórica freudiana seja tecer comentários críticos sobre a religião e suas ideias, em determinado momento do texto ele reconhece a evidente importância desse componente à cultura humana, ao, por exemplo, tentar domar os instintos humanos que ele denomina de associativos. Entretanto, assim como ocorre em outros aspectos sociais, dificilmente certas pressuposições atingem seu objetivo de maneira plenamente satisfatória.

Freud nos assegura que muitos indivíduos ainda não estão satisfeitos com a civilização e que a felicidade ainda não faz parte de suas vidas, isso colabora para que certos comportamentos sejam observados, tais quais, a pouca importância que passa a ser dada à cultura e à restrição dos instintos. É muito provável que esses fatos sejam um reflexo, uma resposta à constatação de que houve uma redução na influência da religião sobre a grande massa humana. De acordo com o mestre vienense, “as verdades contidas nas doutrinas religiosas são tão deformadas e tão sistematicamente disfarçadas que a grande massa dos seres humanos não pode reconhecê-las como verdade.” (FREUD, [1927] 2014, p. 286).

São promessas que, atualmente, pouco fazem sentido e, naturalmente, o avanço da ciência colabora para essa significativa mudança nesse cenário religioso. Mas, diferentemente do que iremos observar ao longo da próxima seção de nosso trabalho, o espírito religioso não é esquecido, mas, é protagonista na construção da narrativa.

Essa reflexão inicial que nos propomos a desenvolver em torno das ideias de Freud a respeito da religião nos mostrou apenas uma das múltiplas faces desse tema, ou seja, considerar as doutrinas religiosas como uma ilusão e como aquela que irá salvar os indivíduos de seus conflitos para com a sociedade e a cultura, é apenas uma das possibilidades de vislumbrar o tema.

Se nos determos especificamente sobre a religião cristã católica, perceberemos que, primeiramente, é a que possui mais adeptos a nível mundial, mas também é

aquela que nos proporciona interessantes discussões em torno de um tema em específico e sobre o qual iremos nos debruçar nas próximas linhas, a maternidade.

O cristianismo tem como uma das figuras femininas centrais, Maria, a mãe daquele que concentrou tantos seguidores e fiéis; ela dá vida àquele que seria a figura central para a religião católica. Maria se tornou não apenas um símbolo de maternidade, mas, de sacrifício, passividade e dor. Segundo Nunes (2000), “umas das imagens femininas que ganham força ao longo do século XIX é a representação de Madona com o Menino Jesus. Essa imagem é considerada o protótipo do que há de mais glorioso, elevado e santo na feminilidade.” (p. 66). Notamos, assim, um verdadeiro culto à mãe de Jesus.

Um modelo ao qual todas as mulheres deveriam ser espelhar; uma imagem projetada, e, posteriormente fixada, pelo discurso cristão como sendo a ideal. Com isso, todos os olhares, sejam eles sociais ou morais, estariam sob efeito desse discurso, prontos para derramar sobre as mulheres que possivelmente desviassem desse padrão, castigos, efetivados majoritariamente pela voz.

Considerando tais reflexões, podemos concluir que consolidamos em nossa sociedade e cultura, um modelo de feminino sagrado e toda a sua importância. No momento em que Maria se torna mãe, o estabelecimento de uma comparação com uma santa torna-se inevitável, diante do fato de que ela irá doar sua vida para aquele que está gerando em seu ventre. Dessa forma, “esse processo de beatificação do sexo feminino vai se dar pela transformação da maternidade em uma função sagrada e da mulher em redentora da humanidade.” (NUNES, 2000, p. 66). É um lugar dado a essas mulheres que as elevam a um outro nível e que depositam sobre seus corpos tamanha responsabilidade e, até mesmo, santidade.

Em outras palavras, é a Igreja Católica, com toda sua influência, que desde muitos séculos, acolheu esse modelo de mulher, aquele que carrega consigo a bondade e a possibilidade de conversão; sua função se amplia de tal forma que ela passa a ser vislumbrada “como um agente de corretivo moral no confronto com os homens, que se mantêm afastados da Igreja.” (NUNES, 2000, p. 66). Uma plena construção de uma família, depende, enfim, que essa alma feminina siga os pensamentos cristãos. É uma cultura católica que se estabelece na sociedade que busca uma valorização da maternidade de modo que os comportamentos, observados em Maria, pudessem ser vistos como uma piedade sentimental, característicos da

devoção feminina. A valorização da maternidade da Virgem foi tamanha que foi capaz de apagar o pecado cometido por Eva, pelo menos sob o olhar religioso.

Durante sua reflexão, Nunes (2000) retoma os pensamentos de Jules Michelet, um historiador francês que, em uma de suas obras, se dedicou a estudar a mulher e suas várias facetas perante a sociedade e é um dos grandes pensadores que colaborou para os estudos sobre esse processo de beatificação da mulher se consolidasse. A autora afirma que, para o historiador, a mulher é uma religião, que educa a criança e forma o homem; ela deve ser exaltada como esse ser que é redentor da família e da sociedade. E ela completa:

O catolicismo do século XIX atribui à mãe funções de formação religiosa e de correção moral, guiada por um ilimitado espírito de sacrifício. A educação da mulher e dos filhos, a exaltação da família como o único lugar da felicidade [...] são temas recorrentes na imprensa católica. São consideradas boas mães as benfeitoras, capazes de se imolarem por uma ideia e pela felicidade dos seus, e serem invencíveis na força do amor e da dor. (NUNES, 2000, p. 77).

Fica evidente, portanto, que todas essas elaborações construídas, ao longo dos séculos, em torno da figura da mulher, a partir daquilo propagado pela Igreja Católica, sedimentou uma expectativa de que essas mulheres seguissem uma vida que tentasse alcançar a santidade e que preservasse a imagem imaculada de mãe. A natureza feminina estaria diretamente relacionada à figura de Maria e sua à virgindade e castidade, ou seja, uma mulher santa deveria habitar os lares; uma esposa submissa com espírito de abnegação.

Naturalmente, essa reflexão pode inquietar alguns sujeitos e suscitar um discurso crítico em torno da mesma, mas precisamos considerar o contexto histórico em que ela está pautada, nos atendo à mentalidade da época, e sobre quais preceitos ela foi desenvolvida. A obra literária selecionada para análise está situada em um momento em que comportamentos como os descritos anteriormente eram seguidos, ela narra, com o auxílio de alguns fatos ficcionais, uma situação emblemática para os fiéis que seguem a religião católica e, até os dias atuais, ela é lembrada como sendo um dos grandes milagres para essa doutrina.

2. MATERNIDADE E DEVOÇÃO NA LITERATURA DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

A literatura portuguesa contemporânea tem se revelado um espaço em que poesia e sensibilidade estão caminhando lado a lado. Se pensarmos nas produções de José Luís Peixoto tal sensação não será diferente, o escritor, com sua maneira singular de transpor para as palavras sentimentos tão puros e íntimos, nos emociona e encanta. Em suas obras, tais sensações permeiam com muita naturalidade e com certa frequência, já que, a família, o amor e a subjetividade dos seres humanos podem ser belamente contemplados nas mesmas.

É num cenário simples, humilde e pacato que um de seus mais recentes romances é construído, mais especificamente, em uma cidade do interior das terras lusitanas, onde janelas são bambas e portas, de madeira velha, desfazendo-se em sua parte inferior. A obra tem sua estética elaborada de tal maneira que as vozes das personagens se misturam e, em certo ponto, se complementam. Percebemos, além do narrador em terceira pessoa, Deus, que tem suas falas expressas em versos, tal como podemos observar nas escrituras sagradas, e de uma mãe que tem sua fala direcionada para o filho.

A maternidade é o tema que alicerça toda a sequência de acontecimentos, seja de maneira direta ou indireta, a todo instante, uma mãe é colocada em cena, cada uma revelando sua face, seus sentimentos, o amor pelo filho e a maneira como elabora esse papel tão essencial. Maria é o nome daquelas que se desnudam perante as letras, expondo suas fraquezas e angústias. Mas, em certos momentos, um filho declama da forma mais pura e bela o que sua mãe significa não apenas para ele, mas para o mundo. Esse filho, Deus, a eleva, a contempla e afirma o quão essencial é sua figura para que a natureza, em sua grandiosidade, se ordene da maneira mais plena: “Como o horizonte, és tu,/ mãe, que nivelas o que/ somos capazes de ver,/ és tu que garantes/ o equilíbrio./ Entre o infinito do céu/ e o infinito da terra, existe/ o teu infinito, igualmente/ desmedido e ilimitado./ Mãe, o tempo não é capaz/ de conter-te.” (PEIXOTO, 2017, p. 154).

Nesses trechos, que nos lembram os versículos, notamos uma verdadeira declaração, não apenas de amor, mas de gratidão. A maternidade, em sua descrição, é sagrada e valorizada. Para ele, lágrimas não merecem ser derramadas em seu rosto e, quando tal acontecimento se faz inevitável, o mundo inteiro chora com ela e, é a partir dessas gotas que seu filho, Deus, pôde condensar a mais límpida e rara pureza. Suas palavras iluminam Maria, derramam sobre ela vida, eternidade e a permitem habitar a natureza do divino.

A religiosidade envolve tais noções e se desenrola sob outras óticas ao longo do romance, tal constatação se faz verdadeira ao nos atentarmos para os comportamentos dos moradores da cidade. Por se propor a reconstituir literariamente as aparições de Nossa Senhora na cidade de Fátima, o enredo é totalmente direcionado para a devoção da população a religião católica. Quando os sons dos sinos se reverberam pelo lugar, “os pobres na rua são os primeiros a ajoelhar-se. No pátio, homens, mulheres e crianças ajoelham-se à sombra.” (PEIXOTO, 2017, p. 46). Em dias em que se comemoram os santos, uma multidão, vestindo suas melhores roupas e sapatos se aglomeram nas ruas e às voltas da igreja, são benzidos pelo padre e, ao final, fazem uma procissão. Afinal, “Santo António sabe animar e animar-se.” (PEIXOTO, 2017, p. 53).

Tais costumes nos permitem relembrar as críticas que foram tecidas por Freud ([1927] 2014) no que diz respeito às ideias que são elaboradas para que a crença nessa ilusão se consolide na mentalidade da grande massa. Celebrações são criadas para que imagens de santos sejam cultuadas, de forma a renovar a esperança daqueles que creem que aquelas figuras irão lhes proporcionar dias melhores, e que suas graças sejam alcançadas, mediante suas fortes orações.

Então, as missas, as rezas, o terço e a fé protagonizam o cotidiano daqueles que compartilham a mesma terra que Lúcia, Jacinta e Francisco, as crianças que presenciaram o milagre. Quando os primeiros relatos em torno do acontecimento se espalham, toda essa atmosfera religiosa se torna mais densa. Todos os olhares se voltam para os primos e eles passam a ter e sentir sobre si o peso da fé daquela comunidade.

A mãe de Lúcia, Maria, é a primeira pessoa para quem a menina revela o ocorrido. Maria é uma mãe dedicada à família, sempre preocupada com os filhos e que exerce um papel de autoridade na família; todos seguem aquilo que ela solicita, principalmente no que tange aos costumes religiosos. Ela é uma mulher de muita fé. Nas refeições, é sempre a última a sentar-se, “ou porque quer garantir que não falte o pão que fez ontem, ou porque faz questão de se sentar apenas quando todos já tiverem comido, quando lhe implorarem que também se sente e almoce.” (PEIXOTO, 2017, p. 43). O marido é ausente durante a maior parte do dia, mas, se, ao chegar em casa e beliscar a mulher nas costas, Maria sabe que “nesta noite, mal os filhos adormeçam, vai entregar-se ao marido de todas as maneiras, ele merece.” (PEIXOTO, 2017, p. 49). Sempre está pronta para servi-lo.

Seu nome é o mesmo da Virgem e a descrição de suas atividades diárias, a relação com os filhos e sua devoção possibilitam uma maior aproximação com essa figura tão emblemática, ou seja, que ela seja tal como aquela que deu a vida a Jesus. O modelo de mulher tão propagado pelos cristãos pode ser fielmente contemplado a partir da vida dessa personagem. Sob os olhos atentos de Lúcia, sua mãe é constantemente descrita como aquela que faz suas orações com muita frequência, fazendo o sinal da cruz e ajoelhada em um canto de seu quarto.

Maria acusa a filha de estar mentindo e considera um absurdo tudo o que lhe foi dito, assim, questiona os primos de Lúcia, Jacinta e Francisco, para que eles lhe confirmem a história, eles, com medo, negam que viram Nossa Senhora. Após esse momento, “em coro, rezam uma ave-maria por ordem da mãe, preocupada com as vinganças que a Virgem possa lançar sobre a família.” (PEIXOTO, 2017, p. 35) e afirma que o padre da cidade quer conversar com a menina. Este, ao ter a conversa com a menina, não acredita na possibilidade de que tudo o que ela lhe relata seja verdadeiro, assim como a mãe, ele a acusa de estar mentido.

Comentários a respeito desse intrigante fenômeno, que iria ocorrer até o mês de outubro, rapidamente se espalham, e Lúcia logo começa a sentir que todos os olhares a queimavam. A narrativa possibilita que o leitor se aproxime um pouco mais de uma outra personagem, também chamada Maria. Optamos por nos deter sobre as descrições direcionadas a ela por compreendermos que ela representa o quanto a religião pode controlar alguns comportamentos do sujeito. Quando ela toma ciência do encontro entre Nossa Senhora e a menina, seus olhos adquirem faíscas. Não apenas para ela, mas outros moradores encaram Lúcia de uma outra maneira:

Chega ao adro e encontra as raparigas que já a esperam, são umas poucas. Quando Lúcia fala, juntam-se mais para ouvi-la bem. Vão aparecendo outras, são companheiras de primeira comunhão, feita nesse ano. Mais ou menos acanhadas, todas esperam a decisão de Lúcia para saber o que fazer. Também era Lúcia que escolhia as brincadeiras antes da catequese. [...] Quando Lúcia escolhe, diz uma palavra que só as outras distinguem do rebuliço. E começam a andar, seguem-na, são catorze raparigas da mesma altura. (PEIXOTO, 2017, p. 54).

A personagem a qual nos referimos anteriormente, que mais tarde será conhecida por Maria da Capelinha, encontra-se com Lúcia, quando a menina está conduzindo o rebanho para pastar, e começa a interrogá-la e então percebemos o que leva a mulher a procurar, com tamanha ânsia e aflição, aquela que se encontrou com Nossa Senhora, seu filho, João, é aleijado, e é possível que ela esteja buscando

respostas para tal infortúnio, ou, até mesmo, uma cura. É, mais uma vez, uma mãe, entregue aos ideais religiosos, em busca de acalento para suas angústias e dificuldades.

Os rostos das pessoas esperam de Lúcia, palavras. Todos à sombra de sua casa, chamam por ela, e todas aquelas vozes se misturam e se transformam em uma enorme súplica prestes a esmagar a menina. Então, “Lúcia sente a mãe a aperta-lhe o braço e a tirá-la de debaixo daquela chuva de corpos, queixas, lamentos. Como se rasgasse lianas, arrancando raízes, Maria recupera a filha, dando-lhe ar e claridade.” (PEIXOTO, 2017, p. 70). São pessoas em busca de um conforto perante aquilo que a natureza lhes entrega de mais esmagador e com o qual elas não são capazes de lidar sozinhas, assim, apoiam-se em ilusões, como nos assevera Freud ([1927] 2014).

Em determinado momento da narrativa, Lúcia afirma que a próxima aparição de Nossa Senhora iria ocorrer no dia treze de julho e, quando é chegada a data, os caminhos que levam à charneca, ainda de madrugada, são ocupados pela multidão, todos a rezar em coro, em direção à árvore em que o fenômeno teria ocorrido. Uma desordem se forma em torno das crianças, “gente que se esgana a gritar, mãos que se esticam ao máximo para tocá-los com a ponta dos dedos e, depois, quando os alcançam, decidem que querem agarrá-los.” (PEIXOTO, 2017, p. 77).

As crianças se tornam verdadeiros símbolos para a comunidade, aqueles que seriam o vínculo, que poderiam estabelecer uma ligação entre o humano e o divino, o sagrado; se tornam imagens que causam uma comoção entre os fiéis e renovam suas esperanças para aquilo que eles nunca foram capazes de ver, apenas de sentir, guiados pela sua fé.

Agora, é a tua causa que os mantém, Lúcia, é o teu olhar que sustenta essas vidas, são milhares de almas a depender de ti. [...] Mesmo não estando aqui, são milhares os que levantam os rostos para te ouvir. A tua graça é luz preciosa a orientá-los. Se os deixares cair, essa queda acabará por esmagar-te. (PEIXOTO, 2017, p. 110-111).

A seu modo, Maria, a mãe de Lúcia, sofre ao ver a filha tendo que carregar tamanha responsabilidade, ao ter que atender às expectativas de fiéis ansiosos pelas próximas aparições ou pelas respostas de Nossa Senhora às perguntas feitas por eles, sendo a menina, o intermédio. Ainda que raramente demonstre seus afetos para a filha, em algumas cenas, nos deparamos com o amor que ela sente e a incansável vontade de protegê-la. Durante algumas visitas que a menina recebe, determinado

momento nos ilustra bem a maternidade que tentamos resgatar nela: “Maria doeu-se ao ver a filha tão esmorecida. Ninguém se arrelia mais com a cena da azinheira do que ela. [...] Mas custou-lhe achar a filha sem força na voz, obediente por apatia.” (PEIXOTO, 2017, p. 120).

Os dias passam e a rotina de Lúcia se mantêm, pessoas, cegas pela luz que a religião encandeia, estão sempre à procura da menina, e todas essas vozes passam a lhe atormentar não apenas ao longo do dia, mas em seus sonhos. Sua mãe, angustiada, frequentemente vai até a sacristia conversar com o padre e, em um desses momentos, podemos resgatar um trecho que descrever o que é ser mãe, o que essa palavra, tão curta, é capaz de representar: “Cansa-te seja do que for, mas nunca te canses de ti porque, em toda a lonjura deste mundo, só tu podes ser essa pessoa que és e, se faltares, não há quem te possa substituir.” (PEIXOTO, 2017, p. 140). Mãe, ser único e insubstituível.

O mês de outubro chega, com ele, a última aparição de Nossa Senhora e, mais uma vez, o desespero dos fiéis em vê-la; um clamor de vozes que se misturam desordenadamente, carregando e si, aflição. A imagem, brilhante e alva, surge e quando ela se esvai, Maria só pensa em proteger a filha, e esta, em ser protegida pela mãe, mas, entre ambas, o pânico e os gritos controlam suas vontades e a força da multidão as impossibilita se estarem juntas. Mãe e filha são levadas para lados opostos, e separam-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de compreender aquilo que habita o íntimo de um sujeito, e que está posto nas linhas de um romance, é uma tarefa que nos exige uma leitura que, obrigatoriamente, se estende para além daquilo que está transposto nas linhas. Olhar para uma personagem e tentar resgatar, em suas falas e atitudes, um aspecto em específico, demanda escolhas e consciência de que não conseguiremos analisá-la em sua completude. Enxergar as mães, de nome Maria, sob uma outra perspectiva, a psicanalítica, por exemplo, foi uma decisão que não se distanciou dessa realidade.

Em teu ventre, para além disso, nos coloca diante de uma Portugal, mais especificamente seu interior, repleto de religiosidade, devoção e esperança. As diferentes faces da maternidade e sua íntima relação com a religiosidade nos

permitiram observar a carga sagrada que habita essas mulheres e todos os mais puros sentimentos que compõem essa relação. O catolicismo evoca uma carga de sacralidade perante essas figuras, que são ícones de vida e amor.

É sob essa circunstância que optamos por privilegiar aquilo que tange as subjetividades de nossas personagens, cujas histórias são construídas em torno daquilo que se inscreve nos ideais religiosos cristãos, com o auxílio da teoria psicanalítica freudiana e pós-freudiana. Observamos que a crença nas ilusões é o que guia os fiéis e os consola e ampara, no momento em que se defrontam com situações angustiantes. O romance de José Luís Peixoto nos possibilita adentrar em uma atmosfera de pura poesia, sensibilidade, milagre e fé, em que as mães são as protagonistas.

REFERÊNCIAS

BELLEMIM-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, [1927] 2014. p. 231-301.

NUNES, Sílvia Alexim. O século XIX entre a bela e a fera. *In: NUNES, Sílvia Alexim. O corpo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 53-88.

PEIXOTO, José Luís. *Em teu ventre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.